

II

Todos nós somos sujeitas da história. Temos de regressar a um estado de corporização para desconstruir a forma como o poder tem sido tradicionalmente orquestrado na sala de aula, negando a subjetividade a alguns grupos e concedendo-a a outros. Ao reconhecermos a subjetividade e os limites da identidade, perturbamos a objectificação que é tão necessária numa cultura de dominação.

bell hooks, *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom* (1994), p. 139

III

O empoderamento, o principal objetivo da pedagogia feminista, envolve princípios de democracia e de poder partilhado. A pedagogia feminista desafia a visão de que a educação é um processo cognitivo neutro [...]. A educação ou funciona como um instrumento que facilita a integração e a conformidade das alunas na lógica do sistema vigente, ou se torna “a prática da liberdade”, ensinando homens e mulheres a lidar de forma crítica e criativa com a realidade e a aprender a participar na transformação do seu mundo [...]. A prática da liberdade emerge através do empoderamento, mas o modelo patriarcal negligenciou, de um modo geral, questões como o empoderamento, os sentimentos e as experiências [...].

Lynne Webb, Myria Allen & Kandi Walker
“Feminist Pedagogy: Identifying Basic Principles”, p. 68
Academic Exchange Quarterly 6 (2002)

||||

As designers aprendem a valorizar a ausência de cuidado desde cedo, quando são condicionadas a agir como agentes neutros que não permitem que as suas identidades ou emoções intervenham no seu trabalho. Pior ainda, na sua formação, as alunas de design são ensinadas a usar o sofrimento como um distintivo de honra, ao sofrerem críticas violentas, trabalharem durante noites inteiras e ao sacrificarem o seu bem-estar para satisfazer as exigências de programas abusivos. A cultura da indústria reforça este trauma através de condições de trabalho precárias, da exploração de mão de obra não assalariada, da falta de transparéncia e responsabilização e da adoração da “cultura hustle”. Este modo de vida e de trabalho é inherentemente incompatível com as necessidades das pessoas marginalizadas, como as que cuidam de pessoas ou são portadoras de deficiência, e por isso leva a que sejam excluídas da indústria logo no início das suas carreiras. Também coloca as designers umas contra as outras numa competição constante, perpetuando culturas de individualidade tóxica e deteriorando os sistemas de apoio ou de construção de comunidade.

Alison Place, “On care”, pp. 77-78
Feminist Designer: On the Personal and the Political in Design (2023)

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado

↳ subjugação e individualismo
↳ poder, comunidade e cuidado